



DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA

Nicolas Theodoridis¹

Mestrando (PPGHC/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/8329038544535649>

Resumo: O artigo tem como preocupação principal explicitar a necessidade da criação do constructo "dialética cultural espiralada". A construção deste constructo parte do intuito de melhor adequação das ideias trabalhadas na dissertação de mestrado, "Arquitetura das Ideias – A dessacralização da sociedade ocidental e o advento da fé raciocinada". Para tal desiderato, exponho nas páginas iniciais, formulações sobre o conceito de *conceito*. Em seguida, ter-se-á a decomposição dos termos no intuito de melhor esclarecê-los, ou seja, historicizar os conceitos efetuando, ao final, a argamassa metodológica da explicação teórica.

Palavras-chave: Dialética, Cultura, Espiral.

Abstract: This article has as main concern explicit the need for the creation of the construct "cultural dialectic spiral". The construction of this construct part of the aim of better matching of ideas worked on the dissertation, "Architecture of Ideas - The desecration of Western society and the advent of rational faith." To this aim, expose pages iniciais, formulations of the concept of concept. Then it will be the decomposition of the terms in order to better clarify them, or historicize the concepts effecting, in the end, the mortar methodological theoretical explanation.

Keywords: Dialectic, Culture, Spiral.

¹ Nicolas Theodoridis é mestrando do programa de Pós-graduação em História Comparada – IH/UFRJ – Professor do Município de Teresópolis, colunista com artigos semanais no jornal "O Diário de Teresópolis" e com artigos mensais da Revista Amnésia. Participa do Comitê de apoio técnico da Revista de História Comparada-RHC além de expositor espírita. Email – n.theodoridis@uol.com.br

1 – Conceito dos *conceitos*

A denominação de *constructo* que aqui é utilizado se refere ao tipo de conceito construído possuidor de um nível mais elevado de abstração, diferente do conceito propriamente dito que tem os seus elementos mais facilmente observados ou mensurados, vindo, portanto, a ser construído mediante a utilização de outros conceitos menores. José D'Assunção Barros se debruça sobre o assunto reiteradas vezes em seus livros e artigos. Segundo Barros,

Em alguns casos, o pesquisador não deve hesitar em reformular ele mesmo algumas definições, já refletidas a partir do que dizem os textos especializados, mas adaptando-os a partir do seu próprio senso crítico. Também ocorre com alguma frequência a necessidade de criar um conceito inédito, e consequentemente de defini-lo da maneira mais apropriada possível para o leitor (BARROS, 2005:151).

Assunção postula que o termo conceito designa formulações abstratas e gerais que os indivíduos se utilizam no intuito de tornar alguma coisa inteligível aos seus aspectos essenciais e cotidianos. Ao formularmos os conceitos observamos que estes respondem a noções gerais no sentido de defini-los, através da representação ou de características que os identificam.

Utilizamos constantemente diversos conceitos no cotidiano sem atentar, por exemplo, que ao dialogarmos sobre família, estabelecemos formulações abstratas e gerais para explicarmos sobre seu significado. Para tanto, observa-se-á que os conceitos são instrumentos que atendem não somente a comunidade científica como também são fundamentais na própria vida cotidiana. Contudo,

(...) o conhecimento científico exige um vocabulário de segundo nível, ou seja, um vocabulário técnico. Para o pensamento teórico da ciência ou da filosofia, não bastam os significados imediatos da linguagem comum. Conceitos e termos adquirem um significado unívoco, bem preciso e bem delimitado. Às vezes são mantidos os mesmos termos, mas as significações são alteradas para uma compreensão bem definida (SEVERINO, 1978:145).

Tais pressupostos estão ligados as representações que trazemos do meio social ao qual estamos inseridos, sem que, com isso, possamos perceber que a definição atende somente ao período histórico em que vivemos, desconsiderando as realidades anteriores e outros modelos não ocidentais.

Geralmente trabalhamos com conceitos "importados", ou seja, gerados por intelectuais estrangeiros e os adaptamos as nossas realidades e necessidades,

objetivando por meio de uma proposta teórica, formular um objeto. Segundo Antonio Severino, “o conceito é a imagem mental por meio do qual se representa um objeto, sinal imediato do objeto representado. O conceito garante uma referência direta ao objeto real” (SEVERINO, 1978:144). Por serem abstratos, os conceitos fazem referência a uma teoria, sendo por isso, uma construção lógica objetivando a construção de um determinado conhecimento da realidade. Tem-se aqui a clareza de que sem ele uma pesquisa não poderia ser erigida. É a teoria que nos permite explicar realidades históricas diferentes daquela que vivemos. Conforme explicita Prost, “os conceitos históricos têm um alcance maior: eles incorporam uma argumentação e referem-se a uma teoria” (PROST, 2008:121). Dentro desta mesma linha de raciocínio Koselleck postula que

Sob um conceito, a multiplicidade da experiência histórica, assim como uma soma de relações teóricas e práticas, são subsumidas em um único conjunto que, como tal, é dado e objeto de experiência somente por meio desse conceito (KOSELLECK, 2012:109).

Os dois autores são uníssonos em afirmar que uma palavra para se transformar em um conceito é necessário que ela venha a possuir uma gama de significações e de experiências, tornando-se, portanto, polissêmico.

As teorias fazem parte do grande arcabouço de evolução² do pensamento humano, passando por diferentes fases caracterizadas por paradigmas³ diversos que reinaram nos mais diversos campos do conhecimento humano, acumulando o saber das anteriores (mesmo que com rupturas e permanências) e fazendo com que este conhecimento se reestruture gradativamente, reformulando as hipóteses antigas, as quais são expressas numa nova linguagem, mais adequadas à época em questão. Destarte, as bases que formulam novas ideias são aquelas que antes

² O conceito de evolução suscita diversas críticas e interpretações desde o propalado por Charles Darwin, mas o que postulo é o evolucionismo espiritualista, teoria qual une o darwinismo com o espiritualismo, a crença na existência de um ser imaterial e imortal, o espírito como responsável pela condução das formas biológicas. Para maiores esclarecimentos sobre o assunto recomendam-se os seguintes livros; ANDRÉA, Jorge. *Dinâmica Espiritual da Evolução*. Rio de Janeiro: Editora Caminho da Libertação, 1977. ELGIN, Duane. *A Dinâmica da Evolução Humana*. São Paulo: Cultrix, 2003. FREIRE, Gilson. *Arquitetura Cósmica vols 1 e 2. Dos Mitos da criação à visão unitária do Universo*. Belo Horizonte: Inede, 2006. PINHEIRO, Luiz Gonzaga. *O Perispírito e suas Modelações*. São Paulo: Editora EME, 2009. PIRES, J. Herculano. *O Espírito e o Tempo. Introdução Antropológica ao Espiritismo*. São Paulo: Paidéia, 2005. UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese. Síntese e Solução dos problemas da ciência e do espírito*. Rio de Janeiro: Lake, 2001. Sobre o aspecto propriamente cultural pode-se indicar: CHILDE, Vere Gordon. *A Evolução Cultural do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966 e FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. São Paulo: EDUSC, 2004.

³ KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000. O ensaio lançado em 1962 pelo físico e historiador da ciência preconiza as ciências exatas e naturais, mas o autor dá um cunho sociológico ao conceito quando se refere ao paradigma como “conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento”. Julio ARÓSTEGUI também faz alusão ao conceito de paradigma de Kuhn – *A Pesquisa Histórica – Teoria e Método*. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 99.

sustentavam o saber humano, porém compreendidas sob a luz de novos paradigmas.

Cada época tem os seus teóricos, que organizam os conhecimentos acumulados em novos terrenos e que com isso, provocam rupturas com os “velhos”. Conforme expressa Tarnas, “cada geração deve examinar e repensar, sob uma perspectiva privilegiada própria, as ideias que moldaram sua concepção de mundo” (TARNAS, 1999:13). Todo período histórico, por mais “estático” que pareça foi caracterizado por determinada mudança no seu clima intelectual (TRATTNER, 1956). Isso propicia constantemente não a um simples perpassar de novidades, mas a profunda transformação do pensamento, de como o homem se vê e enxerga o mundo que o rodeia.

A história do homem é, portanto, marcada por diversas transformações ideológicas⁴ que mudaram e moldaram para sempre o rumo de sua evolução. Ao voltar o olhar para trás, propõe-se, com isso, entender o que levou o homem a repensar sua maneira de viver, traçando novas rotas, vislumbrando novas convicções, estabelecendo novas ideias, conceitos e teorias. Tais proposições são essenciais a uma visão de mundo que visa abarcar todos os interesses cardinais do homem, transportando-nos através de um universo de inconcebível riqueza cultural⁵ criada por ele.

Segundo Paul Veyne, “(...) cada conceito que conquistamos refina e enriquece nossa percepção do mundo (...)” (VEYNE, 1983:30). Com isso, o conceito que proponho parte da junção da dialética, da cultura e da forma espiral. Para melhor explicitá-los, ter-se-á a decomposição dos termos no intuito de melhor esclarecê-los, ou seja, historicizar os conceitos, tendo consciência de que para cada um deles existe uma pluralidade de definições, não sendo passível de examiná-los em sua totalidade, mas segundo o melhor entendimento do *constructo* e a posteriori, sua utilização no desenvolvimento da dissertação (PROST, 2008:128).

2 – DIALÉTICA

Etimologicamente, dialética (GORBY, 2007) vem do grego *dia*, que expressa a ideia de dualidade, troca e *lektikós* significa *apto a palavra*, dando o

⁴ Para maiores informações sobre o tema verificar; CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995 e GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, cap. IV.

⁵ Todo o arcabouço construído pelo homem faz parte de sua cultura e neste bojo incluímos os esquemas de vida familiar, debates políticos, observâncias religiosas, inovações científicas, literatura, artes, enfim, aspectos de criação humana em oposição aos processos físicos e biológicos.

entendimento de diálogo, pois no diálogo sempre há mais de uma opinião, mas que transcurso ao longo da história assumiu vários sentidos⁶.

Vindo desde os pré-socráticos como Heráclito de Éfeso (século VI a.C.) e Zenão de Eléia (V a.C.), passando por Sócrates, Platão, a dialética acabou ficando relegada a marginalidade na Idade Média, vindo a ressurgir no período do Renascimento. A noção de dialética chega ao mundo contemporâneo através de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) que formulou a questão em torno de três movimentos. Esta estrutura do real, entendido como processo, envolve o do dado, da tese, o da negação, da antítese e por fim o de negação da negação, da síntese. Denominada de dialética idealista, ou seja, "(...) em certo momento da maturação nervosa, que em sua totalidade, encontra sua causa na etapa precedente e que, apesar de tudo, a ultrapassa e instaura uma nova maneira de ser" (CHATELET, 1972:22-23), por se tratar do conjunto de conhecimentos, ideias e conceitos elaborado e reelaborado pelo homem, cada qual adequado ao seu momento histórico. Conforme Mesquita,

O idealismo é a corrente de pensamento que, dando primazia à consciência, reduz o real à ideia, ao pensamento, ou, por outras palavras, que considera a ideia, o pensamento, como sendo a essência da realidade (MESQUITA, 1985:19).

Hegel foi muito influenciado pelo cristianismo e sua interpretação demonstra a revelação do Deus dialético, uno e trino ao mesmo tempo (GRINGS, 1981). A dialética hegeliana embora sendo idealista, deu origem à dialética materialista do materialismo histórico criada pelo economista e filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), em colaboração com o político e pensador alemão Friedrich Engels (1820-1895). Segundo Marcondes,

a interpretação hegeliana do processo histórico e da formação da consciência restringe-se ao plano das ideias e representações, do saber e da cultura, não levando em conta as bases materiais da sociedade em que este saber e esta cultura são produzidos e em que a consciência individual é formada (MARCONDES, 1997:288).

Diferente da proposta efetuada por Hegel, a dialética materialista histórica passa a ter o cerne central de análise no trabalho⁷ "o processo autotransformador

⁶ Para uma melhor apreciação dessas mudanças aconselham-se os seguintes trabalhos: LUCE, J.V. *Curso de Filosofia Grega – do séc. VI a.C. ao séc. II d.C.* Rio de Janeiro: Zahar, 1994 - ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução a Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1988, pp 49/50 e KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. Coleção Primeiros Passos nº23. São Paulo: Brasiliense, 1987.

da espécie humana é condicionado, o que vai contra a ideia hegeliana de um movimento do Absoluto” (MARCONDES,1997:229) dando a dialética um constante movimento no transcurso da humanidade. Mesquita também enfoca que a dialética materialista

é a aplicação da dialética, sob o ponto de vista materialista, na análise da evolução da matéria (natureza), bem como no desenvolvimento da consciência e da sociedade humana, análise essa em que se funda o materialismo dialético, da teoria marxista (MESQUITA,1981:61).

Uma última análise sobre a dialética é a de Karel Kosik (1926-2003), filósofo checo de tradição marxista, onde o mesmo postula que o pensamento dialético efetua uma distinção entre representação (aparência) e conceito (essência) da “coisa” (realidade). A “coisa em si”, de que trata a dialética, não se manifesta imediatamente ao homem, à sua compreensão, pois, sua primeira atitude frente à realidade não é investigativa ou examinatória, mas sim, um exercício prático-sensível, fazendo com que o indivíduo crie “suas próprias representações das coisas (pensamento comum) e elabore um sistema correlativo de noções, que capta e fixe o aspecto fenomênico da realidade”.

Concluindo, a dialética é a concepção da realidade que como um todo está em permanente transformação, sendo sua contradição determinante no movimento que condiciona todo o processo do desenvolvimento humano.

3 – CULTURA

Já o termo cultura foi “emprestado” da antropologia, vindo a definir o conjunto de atitudes e códigos de comportamento próprios, sendo que a primeira definição de cultura foi formulada por E. Tylor, no 1º parágrafo do livro *Primitive Culture* (1871). Segundo Geertz,

Os padrões culturais – religioso, filosófico, estético, científico, ideológico - são “programas”; eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos, de forma semelhante aos sistemas genéticos que fornecem tal gabarito para a organização dos processos orgânicos (GEERTZ, 2008:123).

⁷ Ver MARX & ENGELS, 2001.

Clifford Geertz defende o conceito de cultura essencialmente semiótico, estando o homem amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Através de um conjunto de “sistemas entrelaçados de símbolos interpretáveis”, vindo a serem construídos historicamente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, remodelando “o padrão das relações sociais” estabelecidos.

Já segundo Marshall Sahlins (2011), a cultura é historicamente reproduzida e alterada na ação de seus interlocutores. Assim sendo, a cultura inserida na História está em constante movimento, fazendo com que esse movimento produza uma “transformação estrutural”, pois a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim “uma mudança sistêmica”, sendo este processo histórico denominado pelo autor de “reavaliação funcional de categorias”. Com isso, à medida que há o contato entre diferentes culturas, elas reproduzem-se a partir do encontro de uma com a outra, efetuando inúmeras variações ao longo do tempo e do espaço em que se conheceram.

Ruth Benedict (1972) explicita que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê e enxerga o mundo que o rodeia. Homens de culturas diferenciadas usam lentes diversas e, por isso, têm visões díspares das realidades das coisas. Segundo Roque Laraia,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1997:70).

Para finalizar o entendimento do conceito de cultura (sem querer fechar o assunto), Cassirer expressa que

a característica mais notável do homem, a marca que o distingue, não é sua natureza metafísica ou física – mas seu trabalho. É este trabalho, o sistema das atividades humanas, que define e determina o círculo de humanidade. A linguagem, o mito, a religião, a arte, a ciência, a história são os constituintes, os vários setores desse círculo (CASSIRER, 1972:116).

Portanto, todo o arcabouço construído pelo homem faz parte de sua cultura e neste bojo incluímos os esquemas de vida familiar, debates políticos,

observâncias religiosas, inovações científicas, literatura, artes, linguagem, enfim, aspectos de criação humana em oposição aos processos físicos e biológicos.

4 – ESPIRAL

Por fim, a forma espiral⁸. Apoiado no conceito de “circularidade” propalado por Ginzburg (2011) e Bakhtin (2010), onde ambos os historiadores visam demonstrar a movimentação das ideias tanto na cultura popular quanto na erudita, vejo que embora as ideias circulem, a forma espiral designa de que maneira estas mesmas ideias atingem patamares diferenciados na compreensão do ser humano, criando e ampliando os novos conceitos encaixados nas proposições de seu tempo.

A espiral é um símbolo de evolução e de movimento ascendente, progressivo, normalmente positivo, encontrada em todas as culturas, relacionada à própria progressão da existência. Sua forma está associada à base da vida⁹ sendo encontrada desde o macro (galáxias) ao micro (DNA).

Portanto, a espiral está presente em todo o Universo, sendo responsável pelo fenômeno simétrico da natureza, sejam nas flores, árvores, ondas, conchas, furacões, no do rosto simétrico do ser humano, em suas articulações, seus batimentos cardíacos e em seu DNA. Também na refração da luz proporcionada pelos elétrons dos átomos, nas vibrações e em outras mais manifestações como nas galáxias do universo imensurável.

5 – APLICABILIDADE DO CONCEITO NA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ao propor o referido conceito vislumbro que sua aplicabilidade não tem que ficar necessariamente somente atrelado a pesquisa em si, ou seja, ao espiritismo, mas que também terá serventia para que outros pesquisadores o utilizem de maneira profícua.

Conforme explanado, a Dialética Cultural Espiralada visa demonstrar como as ideias foram retrabalhas dialeticamente criando todo um novo universo conceitual. Toda esta mudança é fruto do processo cultural em que o homem está inserido e a forma como este interpreta o ambiente em que vive. A forma geométrica espiral visa somente dar a visão de que estas mudanças paradigmáticas

⁸ Quando utilizo a forma geométrica da espiral em detrimento da forma circular, não pretendo estabelecer o entendimento de modo a posicionar como positivo/negativo, ascendente/descendente ou qualquer outra designação, pois ela não tem conotação valorativa mas, para explicar o próprio movimento das rupturas e permanências que se sucedem na história e que com isso abrem novos horizontes conceituais aos homens.

⁹ Ver MOORE, 1961.

levão o conhecimento a novos patamares de entendimento do pensamento humano, estabelecendo novas sinapses e ampliando seus horizontes conceituais.

O *constructo* elaborado visa, portanto, dar um entendimento mais claro do objeto de pesquisa, tendo como elemento norteador da mesma, as mudanças de percepção de visão perpassadas na Europa desde a segunda metade dos setecentos até o terceiro quarto do século XIX, culminando no advento da proposta espírita¹⁰, através da figura de Allan Kardec¹¹, como sendo uma das respostas possíveis (COLOMBO, 1998) encontradas no ambiente multiplural na Europa oitocentista¹².

Estas modificações ocorreram mediante um intenso processo de dessacralização do pensamento, da ascensão da ciência, das diferentes doutrinas sociais (SCHILING, 1974) tais como o liberalismo, o positivismo, o socialismo científico (marxismo), o evolucionismo entre outras, das mudanças sócio-econômicas efetuadas pela Revolução Industrial e da circulação das ideias advindas do Iluminismo e da Revolução Francesa, observando, desta maneira, a forma como as mesmas foram sendo retrabalhadas no ambiente da cristandade latina.

A constante dialética cultural visa elucidar as diferentes construções arquitetônicas das ideias elaboradas dentro do corte temporal proposto até a formulação do pentateuco espírita, comparando-as entre si, ou melhor, estabelecendo as conectivas históricas¹³ que se comunicam entre si e acabam estabelecendo novos olhares, sendo estas constantemente retrabalhadas pela circularidade num movimento espiralado do saber (UBALDI, 2001), pois além de circular, as ideias acabam se transformando em algo novo, mediante uma curva plana que gira em torno de um ponto central (chamado pólo), dele se afastando ou se aproximando, num constante reagrupar das ideias, efetuando as transformações estruturais no interior da sociedade ocidental, levando o homem a tecer o entrelaçamento das ideias com a cultura numa constante simbiose.

Para dar a argamassa metodológica, utilizarei o “Paradigma Indiciário”, termo cunhado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1990:143-179), que mediante indícios e sinais é possível a reconstrução de elementos culturais e/ou sociais, resultando, assim, num paradigma epistemológico, permitindo, do ponto de

¹⁰ Doutrina surgida na França a partir de 1857 com a publicação de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec e republicado em edição ampliada em 1860. Na sequência, Kardec publicou mais quatro obras: O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868). Tais livros são considerados pelos espíritas como sendo as obras básicas de sua doutrina. Sinônimo de Espiritismo.

¹¹ Pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, pensador francês que organizou a doutrina espírita.

¹² Para maiores detalhes ver VÁRIOS AUTORES. *Em torno de Rivail. O mundo em que viveu Allan Kardec*. São Paulo: Lachâtre, 2004.

¹³ Expressão adotada pelo historiador Sanjay Subrahmanyam onde o mesmo visa demonstrar que estas histórias estão ligadas e que se comunicam entre si.

vista científico, (re) construir elementos interpretativos da cultura do qual emergem. Além disso, a atividade comparativista¹⁴ é uma excelente ferramenta metodológica que permite, conforme explicita Detienne (2004), “não para encontrar ou impor leis gerais que nos explicariam finalmente a variabilidade das invenções culturais da espécie humana, (...) mas para construir comparáveis (...)”, efetuar as análises comparatórias entre as diferentes ideias que contextualizaram o ambiente europeu e seus encadeamentos com a proposta espírita.

Além disso, a metáfora do tapete propicia compreender o entrelaçamento da circularidade das ideias com a cultura que é historicamente alterada, pois analogamente aos fios vertical e horizontal, que dão forma total à peça, assim também os sinais ou indícios da investigação histórica são assumidos como elementos reveladores de fenômenos sócio-culturais que afloraram na sociedade cristã latina europeia, focados especificamente no período compreendido entre a segunda metade do século XVIII até o advento da proposta espírita, através da figura de Allan Kardec.

Para compreender como será o seu uso na pesquisa, exemplifico na questão a seguir.

Ao expor ao mundo sua teoria da evolução mediante o processo seletivo das espécies, Charles Darwin (1809-1882) retirou Deus da Criação (visão criacionista/tese) e posicionou que a evolução se deu na realidade pelo processo de adaptação do homem, mediante um contínuo evoluir (visão evolucionista/antítese). Ao utilizar o conceito de dialética cultural espiralada no confronto destas duas visões, chega-se a visão espírita que reúne as duas posições acima no evolucionismo espiritualista (síntese), criando um novo modo de entendimento da evolução, conjugando as respostas anteriores em um novo patamar (forma espiral). Todo este arcabouço ideológico é propiciado pelo homem, ou seja, sua cultura, aquilo que ele produz.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, dialética cultural espiralada, diferente das proposições anteriores, cria um novo universo de entendimento, um novo tipo de diálogo através de uma “tensão cultural”, geratriz de processos de transformações estruturais que levam o homem a procura de novos arcabouços simbólicos, efetuando este mesmo homem releituras da realidade em que está inserido.

¹⁴ Ver CARDOSO e BRIGNOLI, 1979.

A costura das ideias nos diferentes campos de saber do homem é acompanhada, portanto, com a base conceitual da dialética cultural espiralada, pois, ao retrabalhar a forma de pensar, estas ideias vão tecendo todo um arcabouço ideológico, num movimento contínuo, criando um conjunto arquitetônico de incomparável beleza que é o próprio caminhar do ser humano na busca da sua autossuperação.

7 – BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- CHATELET, François. *Logos e Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Ideias Sociais Espíritas*. São Paulo: Comenius, 1998.
- DETENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2008.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- GORBY, Ivan. *Vocabulário Grego da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GRINGS, Dadeus. *História Dialética do Cristianismo*. Porto Alegre: EST, 1981.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2012.
- KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. Petrópolis: Paz e Terra, 1976.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista – 1848*. São Paulo: L&PM Pocket, 2001.
- MESQUITA, José Marques. *A Dialética Espiritualista*. Rio de Janeiro: Mandarin, 1985.
- MOORE, Ruth. *A Espiral da Vida*. São Paulo: Cultirx, 1961.

- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SCHILING, Kurt. *História das Ideias Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- TARNAS, Richard. *A Epopeia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- TRATTNER, Ernest B. *Arquitetos de Ideias. As Grandes Teorias da Humanidade*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese. Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito*. Rio de Janeiro: Lake, 2001.
- VEYNE, Paul. *O Inventário das Diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.